

O pensamento crítico na construção de uma resposta militar

Henrique Vidal Lopez Pedrosa*

Introdução

O pensamento crítico é uma ferramenta indispensável ao capitão aperfeiçoado na argumentação de soluções para os problemas militares vigentes.

Segundo o coronel Visacro, do Exército Brasileiro, o mundo sempre esteve em constante transformação. Desde a Revolução Industrial, entretanto, na segunda metade do século XIX, a humanidade, impelida pelos avanços incontidos da ciência, tem promovido mudanças em um ritmo tão intenso e acelerado que sua própria capacidade de adaptação tem sido colocada à prova (VISACRO, 2018). Importante também considerar o conceito de “modernidade líquida”, desenvolvido pelo sociólogo polonês Zigmunt Bauman, que corrobora com esse quadro de incerteza, afirmando que *fluidez* é a qualidade de líquidos e gases. Afirma que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos se movem facilmente, “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”. Essas são, de acordo com esse autor, razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase na história da modernidade (BAUMAN, 2001).

Clausewitz (2014), importante filósofo da guerra, já havia chamado a atenção sobre essa carência de solidez, há mais de 150 anos, na sua obra *Da guerra*, afirmando que, devido a essa incerteza de todas as informações, da ausência de qualquer base sólida e das constantes intervenções do acaso, a pessoa atuante encontra-se permanentemente colocada perante realidades dife-

rentes daquelas que estava à espera. Isso forçosamente se reflete nos seus planos ou pelo menos nas ideias que neles se integram. O próprio filósofo conclui, de forma emblemática, que a guerra é o domínio do acaso.

O ambiente operacional contemporâneo não permaneceu imune às transformações da sociedade e do mundo, nem poderia. Esse ambiente apresenta características peculiares, que influenciam de forma marcante a condução das operações militares. Isso não se dá apenas pela multiplicidade de atores envolvidos (inclusive não estatais), mas, entre outros fatores, pela dimensão informacional que os envolve.

A quantidade de dados disponíveis atualmente é avassaladora, congestionando os meios de análise e exigindo, sobretudo do oficial assessor de todos os níveis, a capacidade de extrair o que de fato é importante. A compreensão do ambiente operacional é condição fundamental para o êxito nas operações militares.

Então, de que maneira é possível dominar o acaso, particularmente tão presente nos dias de hoje? Como entender o ambiente operacional “barulhento”? De que modo filtrar do “ruído” existente aquilo que é essencial? Em resumo, como capacitar o oficial membro de estado-maior das unidades e subunidades do Exército Brasileiro para fazê-lo?

Há inúmeras ferramentas analíticas que auxiliam no processo de entendimento do ambiente operacional, conferindo ao comandante a denominada *consciência situacional*, ou seja, a capacidade de se antecipar aos oponentes e decidir pelo emprego de meios na medida certa (BRASIL, 2014).

Todas essas ferramentas, no entanto, são centradas no homem que desempenhará o trabalho, até então

* TC Eng (AMAN/1998, EsAO/2006, ECEME/2016). Atualmente, é comandante do Curso de Engenharia da EsAO.

intransferível, de concluir acerca dos dados apreciados. Sua análise somente terá valor se fundamentada sobre argumentos sólidos. Por isso, é imperativo que esse homem, além de uma capacitação específica dentro da sua área de atuação (inteligência, por exemplo), seja convenientemente preparado em algo fundamental: o pensamento crítico.

Desenvolvimento

O adjetivo tem a função de qualificar um substantivo. O termo “crítico”, às vezes, remete a algo negativo, pois pode significar, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, aquele “que faz críticas, geralmente censurando, depreciando ou desaprovando o conteúdo de algo”. Esse conceito não é útil ao propósito deste artigo, mas, sim, uma outra definição possível, ou seja, a de “que se funda em critério, que estabelece juízo de valor”, por exemplo. Essa é a definição que melhor caracteriza o termo “crítico” aqui aplicado.

Muitos autores têm se debruçado sobre esse conceito. Segundo os doutores Richard Paul e Linda Elder, *pensamento crítico* é um modo de pensar no qual o pensante melhora a qualidade do seu pensamento ao apoderar-se das estruturas inerentes do ato de pensar e submetê-las a padrões intelectuais (PAUL & ELDER, 2008).

Para o coronel Thomas M. Williams, da reserva do Exército dos EUA, é a capacidade de formar e defender um argumento usando a razão, aplicando padrões intelectuais de responsabilidade epistêmica e reconhecendo e defendendo-se contra falácias lógicas quando as identificamos nos outros e em nós mesmos (WILLIAMS, 2013).

De acordo com George Rainbolt, é a habilidade de avaliar corretamente os argumentos feitos por outros e construir bons argumentos por si mesmo (RAINBOLT, 2010).

Percebe-se que o termo comum em duas das definições apresentadas é a palavra “argumento”. Para o coronel Williams, o argumento não é um conflito, mas a capacidade de formar uma conclusão lógica com base em um conjunto de premissas. Argumentar significa apoiar uma afirmação com razão. E prossegue afirmando que a lógica é importante para analisar a

complexidade e que tal entendimento pode preparar um soldado para os rigores do atual ambiente operacional, que exigem mais do que aplicar a doutrina e seguir as regras (WILLIAMS, 2013).

Essa liberdade de ser pouco ortodoxo, por vezes estimulada pelos instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), verbalizada pela expressão “pensar fora da caixa”, encontra eco nas palavras do coronel Williams, quando afirma que existe uma demanda por comandantes capazes de desafiar ideias convencionais para criar soluções inventivas em qualquer ambiente operacional.

Como, porém, desenvolver pensadores críticos? Antes de tudo, deve-se identificar os obstáculos ao desenvolvimento do pensamento crítico, que precisam, naturalmente, ser combatidos. George Rainbolt identificou dois. Primeiro, o desconhecimento do assunto, isto é, a falta de aquisição de conceitos, métodos e ferramentas de análise para compreender argumentos, interpretar dados, avaliar alternativas ou tomar consciência dos nossos processos de decisão. Outro obstáculo é aquilo que já julgamos saber. Em outras palavras, a afeição por determinada “linha de ação” em detrimento de todas as alternativas é definitivamente prejudicial ao pensamento crítico. A solução proposta pelo autor é aprender aquilo que é útil e desaprender maus hábitos (RAINBOLT, 2010).

Além dos obstáculos mencionados, existe aquele considerado o maior deles, de acordo com os coronéis Allen e Gerras, ambos do Exército dos EUA. É o caráter hierárquico do exército, bem como suas normas culturais. Para eles, a falta de um ambiente favorável à livre discussão de ideias, com a possibilidade de discordar dos superiores, dificulta o ceticismo reflexivo como forma de melhorar o discernimento e tomada de decisões (ALLEN & GERRAS, 2010).

Nesse ponto, cabe uma ressalva no sentido de que essa ideia, em particular, é nociva, pois a hierarquia é um dos fundamentos das próprias Forças Armadas. E, como tal, deve ser preservada a todo custo. É fato que os autores não estão apregoando ignorar esta que é uma importante coluna institucional. A implementação desse ambiente “favorável” ao livre debate de ideias em busca de uma solução criativa deve ser conduzida,

porém, de forma tão ou mais inovadora que a própria resposta ao problema, a fim de garantir a exposição de ideias sem estímulo à indisciplina.

Além disso, é imperativo dizer que o assessor possui um papel importante no ciclo decisório do comandante, mas limitado à decisão do chefe militar. O seu assessoramento deve ser impessoal e, uma vez compartilhado, torna-se “bem público”. No processo de construção da solução militar, o seu argumento pode ser aceito ou rechaçado. Se o primeiro ocorrer, a ideia não pertence mais ao assessor, mas àquele que possui a autoridade de mandar fazer e responsável pelas consequências advindas do ato. Na hipótese de ter sido obstada, o comandante se reserva ao direito de não compartilhar outros fatores que considerou, exemplo tácito da “solidão do comando” (CASTRO, 2015).

Ademais, existe uma relação de hábitos mentais que devem ser cultivados. São eles: reconhecer a própria ignorância; não chegar a conclusões sem informações suficientes; evitar o autoengano; identificar preconceitos; e tratar visões opostas tal como é devido (RAINBOLT, 2010).

Outra capacidade associada às já mencionadas e igualmente importante é a habilidade de escrever. Um argumento deve ser escrito de forma clara e simples para conferir-lhe a devida comunicabilidade. Ainda que a forma seja importante, é preciso, no entanto, enfatizar que a solidez do argumento reside nas ideias que serviram de base para sua escrituração (RAINBOLT, 2010).

A ECEME, identificando a importância da ferramenta, implementou o pensamento crítico como disciplina eletiva. Evidentemente, não alcança a totalidade dos alunos. Constitui-se, porém, na quebra de um paradigma importante e espera-se que o seu alcance seja ampliado.

O Army War College, por exemplo, oferece mais de uma disciplina eletiva sobre o tema, atingindo um número proporcionalmente maior de discentes. Possui como objetivos compreender a ampla gama de habilidades de pensamento crítico relevantes aos líderes; compreender a importância da reflexão e do autocohecimento para identificar o impacto de propensões, premissas, raciocínio enganoso e pensamento egocêntrico sobre as decisões que tomamos como líderes; e

aplicar habilidades de pensamento crítico a situações do mundo real, como acontecimentos atuais, tomada de decisões e desafios éticos (ALLEN & GERRAS, 2010).

Nesse sentido, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) possui o Programa de Incentivo à Leitura (PIL), a partir do qual são desenvolvidos ciclos de leitura. São dois eventos, um em cada semestre, nos quais o capitão-aluno (Cap Alu) lê uma obra (escolhida dentre àquelas selecionadas pela escola), redige uma resenha crítica e, em momento oportuno, expressa opiniões e impressões sobre a obra lida num grupo de alunos, mediado por um instrutor. Dessa forma, cumpre-se um dos objetivos estabelecidos no PIL, qual seja, o de “estimular o pensamento crítico e a capacidade de argumentação” do Cap Alu.

A EsAO também conta com um Programa de Pós-Graduação *Lato e Stricto Sensu*. Alinhado com o Projeto Mário Travassos, da Diretoria de Educação Superior Militar, o programa visa, dentre os objetivos estabelecidos, “aprimorar o pensamento crítico dos docentes e discentes na EsAO”.

Além disso, a Casa do Capitão oferece, dentre uma gama de opções, o pensamento crítico como disciplina eletiva. O Cap Alu recebe, por meio de palestrantes convidados, ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento dessa capacidade.

Conclusão

A disciplina *Pensamento Crítico* confere ao militar a capacidade de argumentação, base para exposição dessas ideias e é, por isso, fundamental ao assessor. Este deverá considerar abrir mão de antigos conceitos e ter a disposição de aprender novos, oxigenando todo o processo. Hart (1967) reforça essa ideia, quando afirma que a satisfação complacente com o conhecimento atual é o principal obstáculo na busca por conhecimento.

A forma para obter essa capacidade é alcançada por meio de determinadas habilidades (mentais, cognitivas e a de escrever), que deverão ser estimuladas e exercitadas em sala de instrução por pessoal qualificado, conferindo qualidade aos argumentos e, por conseguinte, às soluções.

Deve-se buscar o (auto)aperfeiçoamento contínuo e não crer na falácia de que a doutrina é algo estático. Muito pelo contrário. Jomini (1947), co-fundador do pensamento militar moderno, assevera que não se deve concluir que a arte da guerra tenha chegado a um ponto que não possa dar um outro passo no caminho da perfeição. Segundo ele, não há nada perfeito sob o Sol.

Por fim, fica evidente a relevância do pensamento crítico ao processo de planejamento adotado por um exército. Mais ainda diante do ambiente operacional contemporâneo com características tão diversas, permitindo respostas com base na razão e na criatividade. De fato, o pensamento crítico constitui-se como ferramenta indispensável ao oficial membro de estado-maior. 

Referências

- ALLEN, C.; GERRAS, S. Como desenvolver pensadores criativos e críticos. **Military Review**, p. 31-38, 2010.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **EB20-MC-10.213 Operações de Informação**. Brasília, 2014.
- CASTRO, P. C. (novembro-dezembro de 2015). Mascarenhas, o líder da vitória. **Military Review**, p. 10-17, nov/dez, 2015.
- CLAUSEWITZ, C. V. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HART, L. **As grandes guerras da história**. São Paulo: IBRASA, 1967.
- JOMINI. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.
- PAUL, R.; ELDER, L. **The foundation for critical thinking**. 2008. Fonte: Site The foundation for critical thinking: Disponível em: <http://www.criticalthinking.org/resources/PDF/SP-ConceptsandTools.pdf> >. Acesso em: 5 jun 2020.
- RAINBOLT, G. **Pensamento crítico**. Fundamento, p. 35-50, set/dez, 2010.
- VISACRO, A. **A guerra na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2018.
- WILLIAMS, T. A instrução para o pensamento crítico. **Military Review**, p. 41-48, mar/abr, 2013.